

O “paraíso terrestre”: alimentação como propaganda e construção da identidade italiana no sul do Brasil.

The "earthly paradise": food as advertising and construction of the Italian identity in southern Brazil.

Maíra Ines Vendrame*

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar a propaganda feita por imigrantes italianos aos parentes que haviam permanecido na terra de origem. Por meio de cartas, buscavam atrair os familiares fazendo divulgação da abundância alimentar que existia nas colônias do sul do Brasil, consolidando uma crença existente entre os camponeses italianos: a *cucagna* ou “paraíso terrestre”. Certos alimentos já faziam parte da identidade camponesa – a uva, o vinho, a polenta –, mas ganharam novos significados entre os imigrantes e descendentes, reforçando a identidade do grupo.

Palavras-chave: Imigração italiana; Alimentação; Identidade; Cartas.

Abstract: The present article proposes to analyze the advertising made by Italian immigrants to relatives who had stayed in the land of origin. Through letters, they sought to attract family members by publicizing the abundance of food that existed in the colonies of Southern Brazil, consolidating a belief among Italian peasants: the *cucagna* or "earthly paradise." Certain foods were already part of the peasant identity - grape, wine, polenta - but gained new meanings among immigrants and descendants, reinforcing the identity of the group.

Keywords: Italian immigration; Food, Identity; Letters.

Introdução

Caríssimo Pai

A 22 de junho recebi a tão esperada carta de vocês, que expediram a 4 de maio. Soube que a 14 de abril foi-me enviada outra carta, mas que não recebi...

Se quiserem que lhes faça saber como é a América, posso dizer que quem tem um pouco de vontade de trabalhar tem comida e bebida à vontade, e sem preocupações, porque os patrões, nós os deixamos na Itália.

Meu cunhado Pedro, que venha sem temor, que eu lhe garanto. O mesmo vale para meu cunhado Luís: *há lugar para colocar um moinho em nosso travessão, no nº 12, e isto é necessário, porque temos que ir longe para mandar moer o trigo, (mais de 5 horas de caminho). Mas se ele pretende*

*Projeto financiando por bolsa de pesquisa ARD/FAPERGS. Doutora em História (PUCRS) e Pós-Doutora em História (UFSM). Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS – Mestrado e Doutorado.

partir, que me escreva logo, que reserve para ele uma colônia, ou meia ou um quarto (...).

(...) *há comida para todos. Quando vocês chegarem, terei eu de providenciar pela comida. Por enquanto, agora começo a semear o trigo e depois o corto para plantar milho.*¹

O livro *La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos* de Luis A. De Boni, publicado em 1977, no contexto de comemoração do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, apresenta um total de dezessete cartas escritas pelo imigrante Paulo Rossato. Traduzidas do italiano para o português, as correspondências foram emitidas por Rossato, entre dezembro de 1883 a junho de 1885, aos familiares que haviam ficado na península itálica. O imigrante parou de encaminhar correspondências quando os familiares se juntaram a ele na região de colonização italiana localizada na parte nordeste do Rio Grande do Sul.

Casado, com 29 anos de idade, Paulo Rossato abandonou a comuna de Valdagno, na Província de Vicenza, em 1883, acompanhado da esposa e outros conhecidos, deixando no país de origem os pais, os irmãos e parte da ampla parentela. Porém, assim que chegou ao sul do Brasil e se fixou na Colônia Caxias, começou a emitir notícias aos familiares, auxiliando na transferência do grupo para a mesma região colonial. A prática de saudar e informar sobre a viagem, bem como fornecer esclarecimentos sobre as facilidades que poderiam ser encontradas nos locais de instalação, não eram uma novidade entre os imigrantes que estavam já fixados nos núcleos coloniais fundados no território sul-rio-grandense.²

É provável que Paulo Rossato tenha tomado a decisão de partir para a América após receber informações de parentes e conhecidos sobre as oportunidades que poderia encontrar no sul do Brasil. As cartas encaminhadas pelos imigrantes para os locais de origem circulavam entre a parentela, amigos e vizinhos, porém, nem todos eram beneficiados com as notícias. Isso porque as mensagens seguiam o circuito das redes e vínculos existentes entre os indivíduos, portanto, nem todos que faziam parte dessas tramas recebiam informações a respeito das condições que poderiam encontrar nas terras brasileiras (VENDRAME, 2017).

¹ Trecho da carta de Paulo Rossato ao pai, de 29 de junho de 1884 (DE BONI, 1977, p. 55-56).

² A utilização das cartas emitidas pelos imigrantes aos familiares que haviam ficado na Itália, enquanto fonte para estudar as diferentes dinâmicas migratórias, a articulação dos camponeses, o papel das redes e conexões nos deslocamentos, bem como os mais diferentes aspectos sobre a integração nos locais de destinos, podem ser verificados em outros trabalhos já realizados. Sobre esse assunto, ver: BLAS, 2004; RAMELLA, 2001; GIBELLI, 1989; FRANZINA, 1994; VENDRAME, 2016.

O fragmento de uma das cartas de Rossato encaminhada ao pai distante passa informações aos familiares que se encontravam na pátria de origem. Os aspectos positivos, como a disponibilidade de trabalho e a abundância de comida e bebida, bem como a não presença dos “patrões”, indicam quais eram as notícias consideradas atrativas e as expectativas dos camponeses italianos em relação aos locais de destino na América. Tendo como ponto de partida a análise destas cartas, busca-se contribuir para discussão que pensa a alimentação como um elemento que orienta a organização interna das famílias, o trabalho e a constituição de afinidades étnicas entre os italianos que se fixaram nas regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul.³ Entende-se que as mencionadas fontes são relevantes para se pensar as primeiras escolhas na terra de instalação ligadas à reprodução dos hábitos, costumes e organização das novas vidas, tendo por base as referências transplantadas dos locais de origem.

Os vínculos parentais existentes entre grupos e sujeitos que se encontravam em ambos os lados do Atlântico foram usados para garantir a autenticidade das informações. Utilizando-se dos recursos que dispunham, é certo que, antes de partir, os camponeses buscaram munir-se de conhecimento sobre a realidade vindoura, obtendo vantagens e favores que facilitariam a instalação no local de destino. O imigrante Rossato afirmou poder reservar uma colônia para um integrante de seu grupo familiar, ressaltando, igualmente, que poderia ajudá-lo com alimentos por algum tempo até que começasse a produzir para sua subsistência.⁴ A questão da disponibilidade de comida e espaço para cultivo aparece frequentemente nas cartas, como veremos no presente artigo.

Nas últimas décadas do século XIX, especialmente a partir da década de 70, grupos de famílias das províncias do norte da península itálica começaram a chegar ao Rio Grande do Sul para ocupar os espaços destinados à colonização europeia. O Império brasileiro investiu na propaganda para atrair os italianos, na transferência até as áreas de ocupação, na concessão de auxílios diversos e na distribuição de lotes aos imigrantes. Apesar das propagandas realizadas por representantes do Império do Brasil entre as populações do norte da Itália e as promessas de auxílios variados, as

³ A alimentação, como um elemento de formação da identidade dos descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, é um tema já bastante estudado. Utilizando-se de pesquisa etnográfica, as antropólogas Miriam de Oliveira e Maria Catarina Zanini (2008) buscaram entender como a comida é valorizada e que envolve um processo diretamente ligado ao trabalho familiar.

⁴ Carta de Paulo Rossato ao pai, de 29 de junho de 1884 (DE BONI, 1977, p. 55-56).

transferências foram crescendo muito devido às cartas emitidas por aqueles que já se encontravam na América. Informações diversas, convites e relatos positivos das possibilidades nas novas terras passaram a circular através das redes de contatos formadas pelos interessados no deslocamento, garantindo, assim, o aumento cada vez maior dos fluxos migratórios. Assim, as cartas surgem como mecanismos que fomentaram os deslocamentos, sendo uma iniciativa autônoma acionada pelos imigrantes e aqueles que desejavam partir. Neste artigo, iremos avaliar também alguns aspectos relacionados à organização da família em ambos os lados do Atlântico, especialmente sobre a questão da produção e consumo quando da instalação no Rio Grande do Sul.⁵

“Tratem, porém, de vir o mais rápido possível (...)”

*“Antes de partir para a América parecia que partiríamos para o desespero, e encontramos, entretanto, cidades como na Itália. Aqui agora estamos no verão. Comem-se melancias, uvas, figos, laranjas. E vocês... estão com neve”.*⁶ Assim se referiu o imigrante Paulo Rossato, em dezembro de 1883, ao enviar a primeira carta aos pais que haviam ficado na península itálica. Informou-os sobre a viagem de transferência, a instalação numa região de colonização italiana do Rio Grande do sul e as oportunidades encontradas nas novas terras. Na sequência, procurou passar uma imagem positiva da realidade colonial, buscando de tal modo convencer os familiares da necessidade de rapidamente decidirem pelo caminho da transferência.

Conhecedor das expectativas das famílias camponesas, o imigrante Rossato ressaltou em seus escritos aspectos que tinham forte apelo entre a população do campo, pretendendo, assim, atrair os pais, parentes e conhecidos para o sul do Brasil. Inicialmente, notificou que havia comprado um lote de terra por oitocentos (800) mil réis, apontando os nomes dos novos vizinhos que, provavelmente, eram sujeitos conhecidos da família. Em seguida, informou sobre os comportamentos e hábitos da população residente no território gaúcho.⁷

Para além do conteúdo das cartas aqui analisadas, elas permitem questionar os diferentes usos que as famílias e indivíduos podiam fazer desse recurso, antes mesmo

⁵ Entre os anos de 1883 a 1885, o imigrante Paulo Rossato emitiu um total de dezenove cartas aos pais e irmão que haviam ficado na pátria de origem. O material encontra-se publicado na obra *La Mérica*, organizada pelo pesquisador Luis Albertode Boni (1977).

⁶ Fragmento da carta de Paulo Rossato aos pais de 7 de maio de 1884 (DE BONI, 1977, p. 41).

⁷ Carta de Paulo Rossato aos pais, 17 de fevereiro de 1884 (DE BONI, 1977, p. 31).

de empreender uma viagem transatlântica. Como produto de uma experiência, as correspondências revelam sentimentos e projetos pessoais, íntimos e coletivos. No entanto, enquanto mecanismo de transferência, elas assumiam funções amplas e variadas, visualizadas não apenas no conteúdo que transmitiam, mas na própria dinâmica de circulação, aproximando e unindo um local de origem com outro de destino. Como muitos imigrantes, houve por parte de Rossato um empenho em constituir “pontes de papéis”⁸ com os conterrâneos, viabilizando, desse modo, a transferência dos familiares, parentes e antigos vizinhos.⁹

Passados dois anos de intensa troca de correspondências, em janeiro de 1885, os pais de Paulo Rossato chegaram ao Rio Grande do Sul. Porém, os contatos com o irmão não foi rompido naquele momento. O mesmo se corresponde com o irmão aconselhando-o a se colocar “como agente de emigração”, atividade essa que poderia “trazer lucro e garantir a transferência gratuita para o sul da América”:

Saiba que aqui foi publicado e anunciado na igreja que agora estão sendo trazidos os passageiros de Gênova até a Colônia Caxias de graça, sem que tenham que pagar nem mesmo um vintém. Os parentes daqui precisam fazer um pedido ao diretor... onde é enviado a Gênova, indo de Gênova para a Comuna. Fique esperando que em breve escrevo (...).¹⁰

As orientações que partiam do Brasil indicam que o caminho da emigração era vivido como um projeto coletivo. Os que partiam antes, assim que chegavam às novas terras, procuravam organizar os deslocamentos através da comunicação com os conhecidos que haviam ficado na terra natal. Ao fazerem isso, certamente estavam cumprindo com os compromissos assumidos com os parentes, conforme fez o autor das correspondências que estamos analisando.

Somada a carta acima mencionada, outras informações indicam que o deslocamento e os investimentos realizados na terra de destino eram compreendidos como um assunto que devia envolver o grupo familiar, apesar de muitos ainda não se encontrarem no Brasil. Informações em relação à preparação da terra e sementeira são transmitidas, sendo ressaltado o fato de que seriam “afortunados” caso tivessem emigrado todos juntos:

⁸ O termo “puentes de papel” foi utilizado por Verónica SierraBlas em artigo em que analisa o papel das escrituras populares na emigração para o além-mar, desde os anos finais do século XVIII até os anos 60 do século XX (BLAS, 2004).

⁹ Carta de Paulo Rossato ao irmão, 14 de junho de 1885 (DE BONI, 1977, p. 68-70).

¹⁰ Carta de Paulo Rossato ao irmão, 06 de dezembro de 1884 (DE BONI, 1977, p. 63).

Caro pai, você deveria ver que bela colônia comprei! Está bem colocada e deve ser boa. E se visse quanta lenha existe nela! Em *Valdagno* seria rico quem tivesse tanta madeira. Estou ansioso que venham meus irmãos e toda a família. Se pudessem ter vindo todos comigo, seríamos afortunados, e teríamos ganhado muito dinheiro em pouco tempo (...). *Tratem, porém, de vir o mais rápido possível. Se estivessem aqui no mês de agosto, ajudariam a fazer a colheita do milho.*¹¹

As novas terras são apresentadas como o local de oportunidades para a totalidade de integrantes do grupo familiar. O trabalho de todos os membros da família garantiria a autonomia e prosperidade econômica da unidade doméstica. Nesse sentido, o imigrante ressalta a importância da presença da mãe para se dedicar à “criação de galinhas e porcos”, declarando que lamentava saber que “ela se encontra sempre sob aqueles criminosos patrões, todos velhacos e ladrões”, devendo morar e trabalhar em terras arrendadas.

Nos dois lados do Atlântico, as mulheres atuaram de forma a garantir a autonomia das unidades domésticas, variando seus serviços de acordo com as características de cada grupo. Em certas regiões da península, elas eram responsáveis por funções ligadas ao cultivo, permanecendo nas aldeias, principalmente nas áreas de montanha, enquanto os homens participavam de migrações sazonais ou temporárias (RAMELLA, 2001, p. 151). Independente da idade e sexo, cada indivíduo tinha um papel no interior da unidade doméstica, indispensável para garantir o tão desejado equilíbrio entre as demandas de produção e consumo do grupo. A importância da colaboração de todos os membros da família nos serviços ligados ao cultivo agrícola e manutenção da autonomia aparece como preocupações muito presentes nas sociedades camponesas surgidas nas regiões de colonização do sul do Brasil.

O “paraíso terrestre”

Ao procurar convencer os familiares a abandonar a pátria de origem, Paulo Rossato indicava ser possível a manutenção de certos hábitos alimentares e costumes em terras brasileiras. Propagandeando ser o deslocamento vantajoso, destacou o fato de no Rio Grande do Sul existir fartura de alimentos e frutas, bem como a

¹¹ Carta de Paulo Rossato aos pais, 07 de maio de 1884 (DE BONI, 1977, p. 41).

possibilidade de cada imigrante ter “um ou dois cavalos e uma ou duas vacas”.¹² Tais animais eram bens preciosos para garantir a autonomia da unidade de reprodução, bem como conferiam certo *status* para aqueles que os possuíam. Na Itália, os cavalos eram um símbolo de poder associado aos patrões, assumindo o mesmo significado entre os imigrantes fixados nos núcleos coloniais do sul do Brasil. A imigração, além de propiciar oportunidades de trabalho variadas e de aquisição de terras, era entendida como uma escolha que garantiria a possibilidade de inversão social, ou seja, que aqui eles seriam os patrões e não mais subordinados.

Segundo Rossato, para quem quisesse, havia “trabalho suficiente, como também comida e bebida, sem maiores preocupações”, reforçando o fato de que “os patrões” tinham sido deixados na Itália.¹³ A ideia da fartura de alimentos, de liberdade e mudança da condição social aparece frequentemente nas cartas como elementos de atração. O medo em relação aos possíveis períodos de carestia, a falta de trabalho e desestruturação das unidades de produção eram aspectos bastante caros às famílias camponesas italianas da região do vêneto nas últimas décadas do século XIX.

Logo, a variedade e fartura de alimentos se tornam um símbolo da opulência. Em suas memórias, o imigrante Júlio Lorenzoni (1975, p. 56-57) destaca que, durante o deslocamento até um dos núcleos coloniais, localizado no centro do Estado do Rio Grande do Sul, foi fornecida carne em abundância ao grupo de imigrantes. Logo ao chegar ao país, percebeu que a carne era “considerada um alimento de primeira necessidade”. Porém, ressalta que, infelizmente, faltavam as hortaliças, “não sabendo a maior parte da população preparar com ela pratos saborosos, como era costume em nossa terra”. A carne é um alimento que frequentemente aparece nas cartas emitidas pelos imigrantes. Das restrições vividas na Itália em relação ao consumo, a carne passa a fazer parte, de forma abundante, da alimentação dos italianos no além-mar.¹⁴

Em 1878, o imigrante GioBattaMizan ressalta que durante os quinze dias de viagem até Santa Maria da Boca do Monte receberam comida satisfatória, consistindo em abundância de carne bovina, *minestra*, “pão suficiente” e “café abundante”.¹⁵ Posteriormente, em 1885, outro imigrante, o italiano Andrea Pozzobon (1998, p. 50, 72), também se impressionou com a diversidade de carnes assim que chegou à mesma

¹²Carta de Paulo Rossato ao pai, 07 de maio de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 39-42).

¹³Idem.

¹⁴CORTI, 1998; FRANZINA, 1994.

¹⁵Carta de GioBattaMizzan ao irmão, Santa Maria, 17 de março de 1878 (In: FRANZINA, 1994, p. 81-83).

região colonial: “Dio mio, quanta fartura – carnes de gado bovino, suíno, ovino, de aves e peixes. Verduras e frutas, principalmente bananas e melancias”. Tal realidade havia tranquilizado os membros da família, pois encontrariam “em vez de feras, bananas e melancias” nos locais de destino. Por esses e outros motivos, Pozzobon considerava que o imigrante italiano havia se deparado no Rio Grande do Sul com o “paraíso terrestre”.

Após se estabelecerem nos núcleos coloniais, os imigrantes procuraram comunicar aos conterrâneos não somente o fato de se sentirem afortunados e “livres da miséria”, mas comoviam-se com a situação de quem havia permanecido. Em correspondência, o imigrante Felice Sartor declara que “seria uma alegria poder fornecer parte dos alimentos que sobrava aos nossos irmãos italianos. E é por isso que queremos fazer ecoar a nossa voz na Europa”. Assim, como forma de agradecimento, mas também de propaganda das facilidades encontradas no além-mar, solicita que fosse realizada uma missa no Santuário de *San Vittore e Di Santa Corana*, devendo ser cantado “o Te Deum” com toda a solenidade possível.¹⁶

Aspectos como a fartura de alimentos e frutas rapidamente alterava a visão daqueles que haviam saído da península itálica com desconfianças a respeito do que iriam encontrar. A inclusão da carne na dieta e a produção agrícola abundante são aspectos que, com frequência, aparecem destacados nas cartas emitidas pelos imigrantes que haviam se estabelecido no Brasil. O consumo de carne pelas famílias colocava fim à carência de proteína que sentiam quando moravam nas regiões rurais do Vêneto e do Friuli.¹⁷

Através das cartas, os imigrantes alimentavam o imaginário coletivo dos *contadini* italianos de que na América encontrariam fartura alimentar e oportunidades. Para as populações do campo que sempre viveram atormentadas pelo medo da fome, as notícias das colheitas fartas, abundância de frutas e terras acabavam por nutrir a ideia do Brasil como lugar fabuloso, de excepcional prosperidade e símbolo da opulência. Nesse sentido, repercutiam amplamente entre as famílias camponesas as notícias sobre as extensões de terra, solo fértil, farta em

¹⁶ Carta de Felice Sartor, Santa Teresa de Caxias [Rio Grande do Sul], 15 de maio de 1885 (FRANZINA, 1994, p. 114-115).

¹⁷ Emílio Franzina, no livro *Mérica, Mérica!*, reuniu cartas de imigrantes vênnetos e friulanos que se encontravam no Brasil e na Argentina nas últimas décadas do século XIX. Em tais documentos pode-se perceber o quanto alguns consumos passaram a fazer parte da dieta das famílias camponesas, bem como o fato da questão da alimentação ser um elemento de atração para as terras no além-mar (FRANZINA, 1994).

frutos e excelente produtora de alimento, sendo esse o país da *Cucagna* procurado por muitos que abandonaram a península itálica (TETI, 2001; CORTI, 1998).

No entanto, as cartas também eram um canal para os imigrantes reclamarem das próprias escolhas, mostrando certa indignação por terem se deixado iludir pelas notícias da existência da *cucagnana* América.¹⁸ Em 1889, o imigrante Michel Altafini, estabelecido na Vila de São Jerônimo (Rio Grande do Sul), afirma que não era possível encontrar a *cucagna* em terras brasileiras, sendo que todos precisavam trabalhar pra viver. Porém, comunica algumas das vantagens: “No Brasil, têm tantos cavalos e tantos animais bovinos que não valem quase nada e todos os colonos italianos estão esperando o dia do pagamento para comprar um cavalo e algumas vacas”.¹⁹

De acordo com outro imigrante, estabelecido no interior de São Paulo, “a América dos tempos de hoje não é mais a América de antes, aqui a fortuna já não existe mais”.²⁰ As dificuldades de adaptação ao clima e a inexistência de terras próximas às primeiras áreas de colonização são justificativas que ajudam a contradizer a imagem do Brasil como destino ideal. Relacionadas às condições específicas dos locais de destino, foram os próprios imigrantes que alimentaram o imaginário positivo ou negativo sobre as terras brasileiras. Se num momento inicial eram mais frequentes as cartas convidando os parentes para emigrar, posteriormente passaram a ser comum a emissão de recados que alertavam sobre as mentiras e vozes enganosas que circulavam nos locais de partida. Outra questão importante que aparece nas correspondências são as articulações da viagem de retorno para a “*mia cara patria*”, sendo, muitas vezes, tais escritos utilizados como principal recurso para voltar para a aldeia de origem.²¹ É provável que a ideia de regresso tenha sido uma aspiração que jamais deixou de acompanhar os imigrantes, independentemente dos sucessos e fracassos que experimentaram nas terras brasileiras.

¹⁸ Algumas cartas demonstrando descontentamento por parte dos imigrantes italianos se encontram publicadas no livro *Mérica, Mérica!*, de Emilio Franzina. Dentre elas fazemos menção à carta dos irmãos Taschetto (Antonio, Luigi e Felice) que se estabeleceram na região central do Rio Grande do Sul. Carta emitida de Santa Maria da Boca do Monte, em novembro de 1887 (In: FRANZINA, 1994, p. 123-124).

¹⁹ Carta de Michel Altafini aos pais, Vila de São Jerônimo, Barão do Triunfo, Rio Grande do Sul, 27 de outubro de 1889 (In: FRANZINA, 1994, p. 183-185).

²⁰ Carta de Sante Paparoto a esposa, Guabirobas, São Paulo, Brasil, 6 janeiro de 1889 (In: FRANZINA, 1994, p. 134-135).

²¹ Carta de Donato Zambon, Campinas, São Paulo, 3 de março de 1889 (In: FRANZINA, 1994, p. 146-148, 162-163).

Voltando a analisar as cartas de Paulo Rossato, percebemos que a propaganda da abundância é recorrente para convencer os familiares e parentes a emigrar. Segundo o referido italiano, “num mês, aqui [Colônia Caxias], comi tantos pêssegos como em toda minha vida na Itália”. No verão, é possível consumir melancias, uvas, figos, laranjas. Além das mencionadas frutas, o imigrante comunica que alguns produtos, como mel, pão trigo e milho, e animais como galinhas e porcos podiam ser adquiridos a baixo custo. Procurando divulgar a riqueza das terras adquiridas, ressaltou que nas mesmas havia possibilidade de cultivarem “trigo e milho como na Itália”, e com algumas poucas videiras fariam “muitos barris de vinho”.²² Outra vantagem apontada é a disponibilidade de recursos naturais para construir um “moinho e uma serraria movidos à água” no próprio lote de terras de propriedade de Rossato.²³ Assim, tanto a probabilidade de disporem de vinho quanto à de instalarem um moinho para realizarem a moagem dos grãos, eram entendidos como fatores vantajosos, bem como indispensáveis para manter certos costumes e hábitos alimentares.

As experiências migratórias individuais para o além-mar eram vividas como um projeto coletivo, familiar e, muitas vezes, também comunitário. Isso é um aspecto que fica evidente nas cartas escritas pelos imigrantes. Individualmente ou seguindo os caminhos abertos por familiares ou conhecidos, os camponeses procuraram se cercar de maior segurança possível para evitar o fracasso de seus planos. E os modos como articularam as transferências indicam também para as estratégias de integração e reconstituição dos modos de vida camponês nos locais de instalação.

Nesse sentido, afirmando já ter cumprido acordo privado combinado “antes da minha partida”, Rossato expõe detalhadamente o que deveria ser trazido para a região colonial:

Caríssimo pai.

(...) 1º Tragam as ferramentas da Colônia (...). Tragam também as seguintes mudas: muitas figueiras agrestes e também outras... pereiras de São Martinho, cerejeiras, ginja etc. Há disso também por aqui, mas tragam da Itália, que queremos fazer lindo pomar, e a terra é boa. Tragam videiras de uva “negrara”, “xebido”, “docana”, “corbina”, “cagina” e todas as que quiserem. (...) Tragam também oliveiras, nogueiras de nozes pequenas e também daquelas de casa, damasqueiros e ameixas. Coloquem estas plantas em uma lata(...)

²² Carta de Paulo Rossato aos pais, 17 de 1884. (In: DE BONI, p. 31-34).

²³ Carta de Paulo Rossato ao pai, 07 de maio de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 39-42).

2º Para a família tragam os seguintes objetos: todo o trem de cozinha, o caldeirão de lavar roupa, o panelão (...) a máquina de fazer macarrão, os lampiões. Se possível, tragam também os tubos, para fazer velas por que aqui são muito caros (um custa 500 réis), e todos os copos, garrafas, tigelas e pratos... Você, pai, traga todos os instrumentos de carpintaria (...) se for possível, façam quatro rodas de carreta, mas com eixos maiores para cargas (...).²⁴

Em diversos momentos, Rossato menciona os objetos, ferramentas, árvores frutíferas e videiras que deviam ser trazidas pelos pais. Ao fazer isso, demonstra um dos usos práticos das correspondências pelo grupo imigrante. À cunhada Maria, Rossato solicita que trouxesse “os pentes de tear, pois aqui [no Brasil] plantam linho [e] também a raspadeira para limpar o pelo dos animais”. Já ao cunhado Luís, convidava para instalar um moinho na Colônia nº 12. Aos pais realiza outros pedidos: “Não se esqueçam das duas serras, daquelas de serrar tábuas; tragam também o panelão para a banha e as demais vasilhas para fazer a matança, porque aqui há porcos. Também semente de centeio(...)”.²⁵

A posse de certos animais e materiais permitia a realização de atividades que iam além de apenas suprir as demandas alimentares do grupo familiar. Nesse sentido, a “matança de porcos” propiciava momentos de interação, solidariedade e trocas na vizinhança. O estabelecimento de uma afinidade étnica entre os imigrantes italianos, tanto no meio urbano como no universo rural, irá se manifestar através de determinadas práticas socioculturais, como a utilização de utensílios específicos e modos de preparar e consumir certos alimentos.²⁶

Voltando às orientações de Rossato encaminhadas ao pai, o italiano afirma:

(...) Quando perguntarem, durante a viagem, para onde vocês vão, digam sempre que pra a Colônia Caxias. Não digam nunca que vão para terras compradas ao conde, que senão eles não carregam as bagagens de vocês. O que devem trazer, eu já escrevi, e esqueci-me apenas de dizer que tragam o crivo. Tragam também as peneiras para o tabaco. E não esqueçam de trazer 2 ou 3 mudas de pereira e de macieira, e daquelas pereiras do pomar dos Mattii, e de São Martinho, e macieiras de “talino” e nogueiras (...) se não puderem

²⁴ Carta de Paulo Rossato ao pai, 22 de junho de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 49-54).

²⁵ Carta de Paulo Rossato ao pai, 27 de julho de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 58-60).

²⁶ Estudos apontam que alguns alimentos, bem como atividades socioculturais e econômicas, como a fundação de determinadas empresas, foram elementos de identificação e aproximação entre os imigrantes italianos em espaços urbanos como a cidade de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. A fabricação e comercialização de produtos, a exemplo das massas, apontam para papel desempenhado por alguns produtos e consumos na questão do reforço de uma identidade étnica. Sobre este assunto, ver: DE RUGGIERO, 2018; AMBIEDO, 2018. Para além da questão da comida, Leonardo Conedera (2017) estudou a presença de músicos italianos no espaço urbano da capital do Rio Grande do Sul, verificando como a atuação no campo musical forneceu um elo étnico interno entre os imigrantes e com o país de origem.

encontrar as mudas, corte então ramos das fruteiras, que aqui eles seguramente pegarão..tragam... [também] sementes de abóbora, das melhores que encontrarem (...).²⁷

Entendemos ter sido importante a transferência dos diversos objetos e utensílios, pois isso permitiria a preservação de hábitos, formas de viver, comer e trabalhar. No entanto, mais do que a preservação de aspectos que caracterizavam o modo vida camponês, foram as vantagens em relação à posse da terra e à fartura de alimentos que mexeu com o imaginário camponês:

Caríssimo pai
(...) A posição do Campo é favorável: os ares e as águas são bons e dá de tudo: milho, trigo etc. e o milho é muito melhor do que aquele de *Cornale*, que não é tão bom assim, e é branco. Aqui há também do branco, para quem deseja semear, e é muito bom. Há também vinho, daquela uva-morango que tinha meu locador, mais é muito melhor e dá bom vinho, que vale de 40 a 50 réis a garrafa (...).²⁸

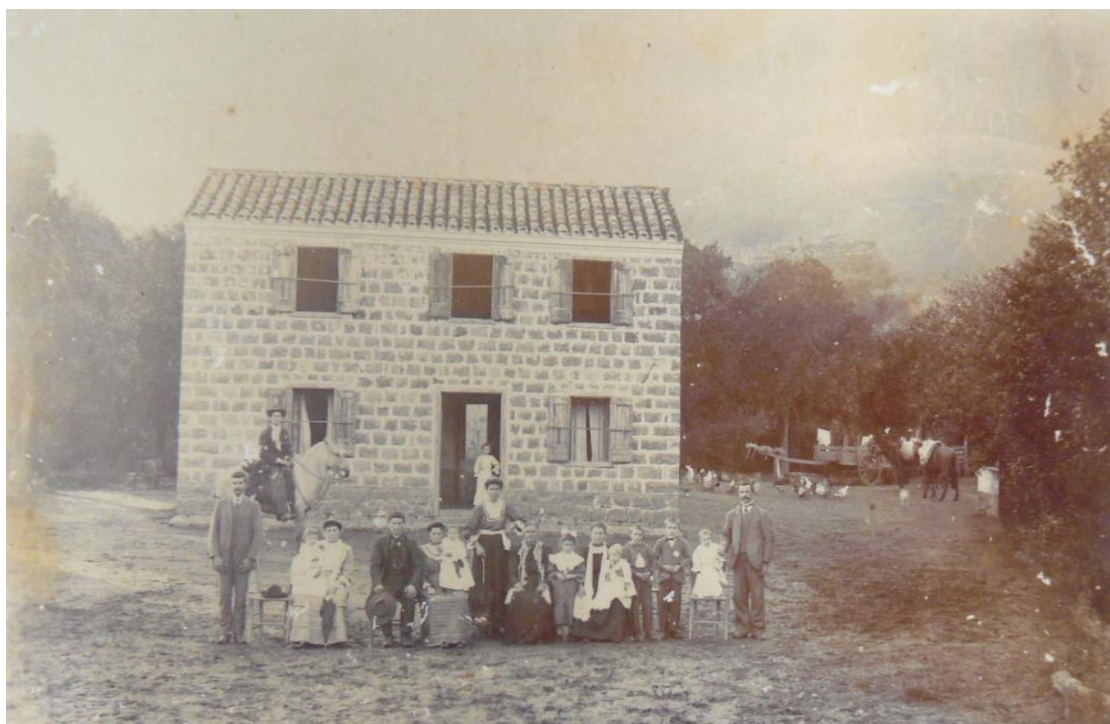
A possibilidade de cultivar uma variedade ampla de grãos, somada ao trabalho coletivo de todos os integrantes do grupo familiar, aparece como um aspecto positivo e incentivador dos deslocamentos daqueles que ainda se encontravam na terra natal. O sucesso da transferência para a América, bem como a organização da nova vida nos lotes coloniais, passava pela manutenção de certos costumes alimentares e pelo cultivo de produtos variados, estando estes aspectos também ligados à reunificação familiar e ao trabalho coletivo de todos os integrantes da família.

Na foto que segue é possível analisar a maneira como uma família extensa de imigrantes italianos exhibe seus bens: a casa, os cavalos, a carroça e, ao fundo, outros animais domésticos.

1. Família Imigrante

²⁷ Carta de Paulo Rossato ao pai, 24 de outubro de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 61).

²⁸ Carta de Paulo Rossato ao pai, 07 de maio de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 39-42).



Fonte: Foto sem data. Arquivo de fotos do Museu do Vale Vêneto/RS.

A matriarca, certamente viúva, sentada no centro da imagem, aparece rodeada pelos filhos, filhas, alguns deles já casados, netos e agregados. Pelo que se pode verificar, na casa colonial viviam os três casais e seus filhos pequenos, mais os solteiros e a viúva, totalizando um número de nove adultos e oito crianças. Residir sob o mesmo teto aparece como uma estratégia que garantia certa segurança, principalmente aos jovens casais que não possuíam terras e precisavam alimentar as crianças até que essas começassem a ajudar no trabalho.

A questão da união da família que residia e trabalhava coletivamente nos lotes adquiridos, surge como aspecto positivo através do qual os imigrantes procuravam se representar. Neste sentido, pode-se inferir que o sucesso da escolha migratória é representado nos bens que o grupo dispunha na maneira como tinha organizado a nova vida, bem como na união e envolvimento de todos os integrantes do grupo familiar nas atividades que garantiriam autonomia da pequena unidade doméstica e a reprodução da família camponesa.

Em carta emitida aos parentes distantes, o imigrante Giobatta Mizzan, que se fixou na região central do estado do Rio Grande do Sul, define como “um golpe de fortuna” a aquisição de terras e casas. Juntamente com amigos conterrâneos,

comprou ampla extensão de terra, contendo casas, “mato, pradarias e o solo arável”. Além de “fruteiras de todos os tipos”, tinham também adquirido “uma vaca, um cavalo, oito porcos, vinte bois, (...) quarenta medidas de batatas, dez de arroz, 14 de mandioca, que é uma raiz que se faz farinha boa para comer, 150 galinhas e, (...) 100 hectolitros de milho”. Tudo isso, somado às “belas plantações de videiras”, na opinião do imigrante, fazia-o sentir-se “afortunado”, pois, agora, possuía terras suficientes para todos os seus filhos trabalharem.²⁹ Há de se alertar que muitos imigrantes vinham para o sul do Brasil na posse de recursos financeiros, geralmente fruto da venda dos bens que possuíam na Itália, e isso possibilitou que rapidamente adquirissem terras de proprietários luso-brasileiros (VENDRAME, 2016). Certamente, era a união e não a dispersão dos membros do grupo familiar um dos ideais que camponeses italianos buscavam garantir no Brasil.

Ao estimular o deslocamento dos que haviam ficado na comunidade de origem, o imigrante Paulo Rossato afirmava que no Brasil encontrariam “amigos e alegria à vontade”, bem como fartura de comida e bebida.³⁰ Também ressaltava que podiam andar a cavalo, portar punhal na cintura, adaga ou ainda “uma pistola de dois canos”, uma vez que esse era o comportamento dos indivíduos que viviam no Rio Grande do Sul.³¹ A possibilidade de possuir um cavalo era vista como algo muito positivo para os imigrantes. Além de facilitar a circulação e os trabalhos agrícolas, representava a inversão de uma ordem social, algo impossível de ser vivido na Itália.

Nas fotos que representam as famílias imigrantes nos núcleos coloniais do sul do Brasil, é bastante frequente a presença de um ou dois cavalos, indicando que tinham alcançado sucesso, usufruindo de diversidade e fartura de alimentos. A existência de terras em abundância, somado à possibilidade de cultivar diversos grãos e possuírem animais domésticos, aparece nas cartas e fotografias como fatores que, além de atrair mais imigrantes, viabilizavam a reconstituição de um ideal de vida familiar camponesa nos núcleos coloniais. Neste sentido, a comida e a necessidade de manutenção de algumas tradições alimentares, ligadas ao papel da mulher na questão da diversidade e autonomia alimentar do grupo, surgem como elementos fomentadores da reunificação familiar.

Comida como simbólico de identificação

²⁹ Carta do imigrante Giobatta Mizzan, de 17 de março de 1878 (FRANZINA, 1994, p. 81-3; RIGHI, 2001, p. 466-468).

³⁰ Carta de Paulo Rossato ao pai, 22 de junho de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 49-54).

³¹ Carta de Paulo Rossato aos pais, 17 de fevereiro de 1884 (In: DE BONI, 1977, p. 31).

Em diferentes processos migratórios, mais do que um “catalizador de lembranças”, os hábitos alimentares e os modos de preparar os alimentos se tornam elementos que passaram a garantir uma ligação – entre o lugar destino e o de origem – que ultrapassava as distâncias espaciais e temporais. Assim, o interesse, por parte dos imigrantes italianos, em cultivar determinadas árvores frutíferas e videiras nos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul se manifesta enquanto estratégias para manter costumes e encurtar as distâncias geográficas. Para além da preservação de certos consumos, a lembrança da “comida de casa” se encontra inscrita numa lógica de reconstituição das esferas afetivas e de redefinição de uma identidade. Sendo, neste sentido, importante para o imigrante a eliminação da sensação de afastamento da terra de origem através da preservação de certos hábitos e comportamentos.

Os consumos alimentares, no espaço urbano e rural, por parte dos imigrantes e descendentes de italianos, se tornou um dos “eficazes instrumentos de expressão e afirmação” de uma determinada identidade italiana. Segundo Ernesto de Renzo (2015, p. 403), o sentimento de nostalgia em relação à comida marcou correspondências emitidas da América aos parentes na Itália, assumindo os costumes alimentares da casa paterna um significado figurativo de aproximação e apropriação identitária. Os alimentos consumidos tinham uma função de organizar a relação com o passado de acordo com modalidades culturalmente significativas no qual a ligação entre práticas alimentares e lembranças pode ser considerada de natureza conciliatória e interativa (Deborah Lupton *apud* DI RENZO, 2015, p. 404).

Nos núcleos colônias do sul do Brasil, a presença de alguns alimentos e bebidas, que se encontravam de forma restrita na dieta do camponês na terra natal, irão se tornar símbolos da superação, do sucesso e da identidade do grupo. Mais do que compor a dieta dos imigrantes, certos consumos passaram também a sinalizar para a elevação da condição de vida do camponês, sendo signos de distinção social. A acomodação e organização nos novos espaços através da encomenda de utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, mudas de plantas frutíferas, videiras e outros materiais para o uso privado da família através das cartas, permitiram a delimitação de um território, um lugar de identificação individual e familiar, que funcionava como uma barreira contra os possíveis prejuízos causados pela distância (CAFFARENA, 2011). Tendo por base a manutenção desta ligação através da comida, alguns alimentos e práticas irão reforçar uma identidade étnica para os imigrantes e descendentes de italianos no território brasileiro, que irá assumir algumas variações

dependendo do local de fixação, urbano ou rural. Porém, independente do lugar, os consumos alimentares irão auxiliar na conformação de espaços de agregação e identificação, promovendo as aproximações entre os integrantes das famílias e parentela extensa, que se espalhavam para o nível da vizinhança e da comunidade.

O sucesso que os imigrantes italianos esperavam encontrar nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul deve ser apreendido para além da condição de proprietários de terras, mas também através da diversidade e fartura de produtos que as famílias poderiam dispor. Conforme destacado anteriormente, o trabalho coletivo de todos os membros do grupo familiar e envolvimento nas diversas atividades que garantiam autonomia eram percebidos como aspectos que confirmavam o sucesso da escolha migratória. Na foto que segue, uma família de imigrantes de Caxias do Sul exhibe, de forma orgulhosa, os produtos agrícolas, os materiais que possuíam e o provável envolvimento de todos, homens, mulheres e crianças, nas atividades como a colheita, armazenamento e produção de vinho.

Foto 2 Família imigrante e a abundância



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul.

As uvas e os utensílios utilizados para preparar e guardar a mencionada bebida ganha destaque na imagem. Crianças e mulheres aparecem próximas aos

instrumentos que, certamente, utilizam para realizar algum serviço. Algumas atividades, como a preparação do vinho, eram serviços que reunia boa parte dos integrantes da família, sendo também um momento de orgulho e festa. Neste sentido, na foto acima, buscam demonstrar o sucesso alcançado através da colheita de alguns produtos, indicando para o fato da uva ser uma das frutas caras aos camponeses. As pipas, local onde seria armazenado o vinho, também aparecem com destaque na imagem, uma vez que o objetivo era mostrar a importância de tal atividade assumida pela família. Mais do que ser uma atividade lucrativa, a produção do vinho era uma forma de reforçar os vínculos com a pátria de origem propiciando a manutenção de hábitos e costumes ligados à mesa e as sociabilidades. Bebida muito apreciada entre a população do campo no norte da península itálica, o vinho irá assumir um papel estratégico na preservação das raízes territoriais e na constituição de uma identidade étnica no sul do Brasil.

Atualmente, quem visita a Serra Gaúcha, rapidamente percebe a importância que a uva tem no reforço da identidade italiana na região. Na praça da cidade de Caxias do Sul, no brasão da bandeira municipal e no prédio da Câmara de Vereadores é possível perceber o quanto a videira é um símbolo para a localidade. Todo ano, o lugar promove a celebração da colheita, realizando a Festa Nacional da Uva. Neste período, é realizada a escolha da rainha da festa e organizado desfiles em carros alegóricos, onde a uva é apresentada como símbolo do trabalho dos imigrantes e fonte de recurso econômico para a cidade (RIBEIRO, 2002; SANTOS, ZANINI, 2008). O sofrimento nos primeiros tempos, a dedicação árdua e contínua ao labor, a mesa farta, a produção de vinho e o empreendedorismo dos italianos são destacados no desfile como elementos que caracterizam o grupo étnico e o lugar.

Nas primeiras décadas do século XX, em Porto Alegre, bem como em outras cidades do Brasil, existia a presença de um forte comércio étnico exercido pela população imigrante. Fábricas e empresas se dedicavam à produção ou importação de produtos específicos de diferentes regiões da península itálica, algumas se utilizando de elementos étnicos para garantir sucesso no mercado local (DE RUGGIERO, 2018). Nos estados brasileiros que receberam imigrantes, a identidade se expressa através da alimentação, do consumo de massas, azeites, castanhas, queijos, vinhos e outros produtos importados. Por meio das tradições alimentares transplantadas e adaptadas de acordo com as específicas de cada região, os italianos e descendentes buscaram

organizar as novas vidas, acionando estratégias de acomodação e organização das comunidades reais e imaginadas.

A presença de mudas de videiras, e posteriormente de oliveiras italianas, são identificadas desde a chegada dos primeiros grupos de imigrantes aos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul, como pode ser verificado nas cartas de Paulo Rossato. O cultivo de algumas plantas, como macieira, pereira, castanheira, amendoeira e cerejeira, a presença de casas de negócio que faziam a importação de produtos étnicos e pequenas fábricas familiares, aparecem no Álbum comemorativo do *CinquantenariodellaColonizzazione italiana nel Rio Grande delSud* (2000), indicando, neste sentido, para o papel que tiveram certos alimentos e consumos na vida dos italianos e descendentes no além-mar.³²

Nos eventos comemorativos, tanto dos cinquenta como dos cem anos da imigração italiana no estado gaúcho, fica evidente o papel da alimentação na constituição da identidade étnica do grupo. Assim, nas cartas e fotografias analisadas neste artigo, a questão da fartura e diversidade alimentar e o trabalho familiar aparecem como símbolos da identificação entre os descendentes de imigrantes italianos.

A partir de 1975, nas regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul, foram organizadas festividades, celebrações religiosas, desfiles e jantares para comemorar o Centenário da imigração no estado. Neste momento, tradições alimentares, os modos de viver e ser dos imigrantes e descendentes de italianos passa por processo de reinvenção. Este movimento de recriação e reforço de determinados consumos e maneiras de se comportar é um processo contínuo que vem ocorrendo desde a chegada das famílias camponesas nos núcleos coloniais. Em agosto de 1975, em comemoração ao Centenário da Imigração Italiana, diversas comunidades do Quarto Núcleo de Colonização, no Estado sul-rio-grandense, organizaram festividades. Na localidade do Vale Vêneto, foi preparada uma polenta de nove metros de diâmetro, que se somava a outros alimentos que buscavam ressaltar a questão da fartura enquanto uma característica da alimentação italiana (MANFIO, 2017). Principal alimento da dieta do camponês que emigrou das províncias da região

³² Alguns estudos têm utilizado o álbum comemorativo do *CinquantenariodellaColonizzazione italiana nel Rio Grande delSud* para pensar o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil e a relação entre comida e identidade nos espaços urbanos, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Sobre esse assunto, ver: DE RUGGIERO, 2018; AMBIEDO, 2018; COLLAÇO, 2009.

do Vêneto, norte da península itálica, a polenta, associada à fartura, se tornava um símbolo da identidade e do sucesso do grupo. Na festividade, através da abundância de alimentos como a polenta, salame e vinho, somado a alegria, trabalho e religiosidade, a população reforçou uma linha de continuidade entre o passado e presente vivido nos lugares de ocupação.³³

A polenta se tornou um dos símbolos da culinária e da identidade italiana na ex-Colônia Silveira Martins, sendo, em 1978, projetada a *Praça do Imigrante Italiano* na comunidade do Vale Vêneto, onde foi edificado um monumento que representa um fogão rústico conhecida como *fogolaro*. Este era utilizado pelos imigrantes quando da chegada na região para preparar seus alimentos, em especial para cozinhar polenta, uma vez que consiste em uma panela grande de ferro fixa a argolas e correntes suspensas. O cultivo de diferentes grãos, a criação de animais domésticos e a produção de vinho foram elementos de reunificação familiar e agregação do grupo de imigrantes quando da chegada aos núcleos de colonização. Logo, a questão do trabalho e a fartura de alguns alimentos se tornaram signos ritualizados da identificação e integração nas festividades e monumentos nas localidades coloniais.

Considerações Finais

De acordo com as descrições até aqui apresentadas, as terras no além-mar se configuraram como local ideal para a concretização de alguns anseios dos camponeses, devendo, portanto, partirem “alegres, cantando, pois não convém que vocês partam chorando: não tenham medo de deixar amigos que são inimigos”.³⁴ Mais do que apenas demonstrar a preocupação dos imigrantes com a preservação de certos modos de agir e consumir, as cartas analisadas neste artigo permitem indagar sobre as compreensões, impressões e expectativas daqueles que emigraram e dos que permaneceram. As escolhas dos indivíduos em ambos os lados do Atlântico, a forma como organizaram os deslocamentos, fazendo com que alguns partissem e outros não, devem ser analisadas conjuntamente. Isso porque as transferências para a América, necessariamente, não significava a ruptura dos vínculos familiares e de um

³³ As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na localidade do Vale Vêneto, localizada na região central do Rio Grande do Sul, são analisadas por Manfio (2017) através das reportagens e imagens publicadas em jornal local. No estudo, a mencionada autora busca ver como, através das festas, os descendentes de imigrantes buscavam reconstruir uma memória dos antepassados.

³⁴ Carta de Paulo Rossato ao pai, 22 de junho de 1884. (In: DE BONI, 1977, p. 49-54).

modelo de vida, pelo contrário, era a garantia da preservação de certas lógicas de reprodução familiar. As correspondências utilizadas como fontes históricas possibilitam apreender os processos de acomodação dos italianos no sul do Brasil, as readaptações, a preservação e/ou mudanças de certos costumes.

O estabelecimento de “pontes de papéis” entre os dois lados do Atlântico, além de indicar para os mecanismos de transferência e de integração, permitem analisar a preocupação em relação à manutenção de certos costumes. Nesse sentido, também apontam sobre quais bases a nova vida deveria ser estruturada no território sul-rio-grandense. A possibilidade de cultivar produtos já conhecidos e dispor de abundância de frutas e alimentos é utilizada como elemento incentivador dos deslocamentos, conforme pudemos verificar no presente trabalho. Questões como a fartura de alimentos, a disponibilidade de terras e a união do grupo familiar foram usados enquanto recurso de propaganda por parte dos imigrantes que se encontravam em terras brasileiras, uma vez que o medo da miséria era um dos grandes temores da população que vivia no campo no norte da península itálica. As correspondências e as fotografias permitem apreender expectativas que moveram as famílias camponesas a abandonar os campos da península itálica, incentivados pelas notícias que vinham da América, que alimentavam o sonho da fartura, da liberdade e da “justiça social”³⁵.

O caminho da emigração enquanto meio para mudar de vida prevê a questão da preservação, das mudanças e também das rupturas. Para além da vontade dos indivíduos em romper com determinada condição social, ou, apenas, reconstituir na nova realidade as estruturas familiares e comunitárias, o deslocamento acarreta modificações nas formas de consumo, na vida familiar e nas relações internas entre o grupo imigrante. As novas dinâmicas relacionais necessárias para garantir a formação de bases de agregação, identificação e diferenciação de grupo precisam ser estudadas. Entendemos que os alimentos e consumos permitem analisar de que forma vai ocorrendo essa acomodação e fortalecimento de elementos que propiciarão a identificação do grupo, bem como o estabelecimento de diferenciações, hierarquias e fronteiras.

³⁵ A imigração como uma escolha pensada e articulada pelos camponeses, que pensavam fundar na América comunidades autônomas, pequenas “Repúblicas de Deus”, afastando-se, desse modo, de movimentos mais amplos, como o avanço do capitalismo no campo e das ideias liberais do novo Estado italiano, é algo que motivou o deslocamento de muitas famílias para os núcleos coloniais do sul do Brasil. Sobre este assunto, ver: VENDRAME, 2017b.

Através dos hábitos alimentares e costumes, nas regiões destinadas à colonização italiana, os imigrantes, por meio da fundação das pequenas comunidades, foram reforçando uma relação com o território enquanto espaço de direito onde poderiam exercer suas práticas culturais. Desde a chegada das primeiras famílias, a questão da fartura de alguns alimentos assume uma importância muito grande para o grupo étnico, tornando-se uma das características que, posteriormente, será ritualizada nas festas e comemorações realizadas pelos descendentes. A polenta e o vinho tornam-se aspectos simbólicos que irão reforçar a identidade étnica, estabelecendo uma linha de continuidade entre o passado e o presente. Neste sentido, a comida, as árvores frutíferas, o vinho e muitos dos utensílios utilizados no espaço doméstico se tornaram elementos de ligação entre os dois lados do Atlântico. Alguns deles foram utilizados para garantir a reprodução de uma sociedade camponesa no além-mar, um modelo de vida idealizado pela população do campo – da fartura, autonomia e do sucesso – que poderia ser realidade.

Referências

AMBIEDO, Fernanda Trentini. **Fábricas de massas alimentícias do imigrante italiano José Pappalardo, Porto Alegre (1932-1968)**. Porto Alegre: Porto Alegre: Escolha de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018. (Dissertação de mestrado)

BLAS, Verónica Sierro. “**Puentes de papel**”: apuntes sobre las escrituras de la emigración. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 10, n. 22, jul./dez. 2004, p. 121-147.

CAFFARENA, Fabio. “Il viaggio dei sapori. Il cibo nelle lettere degli emigranti in America”. In: <http://www.pellegrinoartusi.it/wp-content/uploads/2011/02/intervento-Caffarena.doc>. Acessado 30 de setembro de 2015.

COLLAÇO, Janine Helfst L. **Sabores e memórias: cozinha e construção identitária em São Paulo**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009. (Tese de doutorado).

CINOTTO, Simone. “La cucina diasporica”. In: CORTI, Paola; SANFILIPPO, Matteo (a cura di). **Storia d’Italia. Annali 24. Migrazioni**. Torino: Einaudi, 2009, p. 303-316.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NELL RIO GRANDE DEL SUD: 1875-1925. 2. Ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

CORTI, Paola. “Emigrazione e consuetudini alimentari. L’esperienza di una catena migratoria”. In: CAPATTI, Alberto; DE BERNARDI, Alberto; VARNI, Angelo (a cura

di). **Storia d'Italia. Annali 13. L'alimentazione**. Torino: Einaudi, 1998. p. 681-719.

CONEDERA, Leonardo. **Músicos no Novo Mundo**: a presença de musicistas italianos na banda municipal de Porto Alegre. Porto Alegre: Escolha de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017. (Tese de doutorado)

DE BONI, Luis Alberto (org.). **La Mérica**: escritos dos primeiros imigrantes italianos. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1977.

DE RUGGIERO, Antonio. “A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875-1914)”. **Revista Práxis**. Novo Hamburgo. a. 15, n. 1, jan./jun., 2018, p. 255-285. Disponível em: <file:///E:/Livros%20PDF/De%20ruggiero%20-%20saudades%20de%20sabores.pdf>. Acessado 29 de março de 2018.

DI RENZO, Ernesto. “Cibo, identità, migrazione: alcunereflessione a margine dell'emigrazione italiana nel mondo”.

Disponível:

<https://www.academia.edu/8686237/Cibo_identità_migrazione_alcune_riflessioni_a_margine_dellemigrazione_italiana_nel_mondo>. Acessado em 29 de março de 2018.

FRANZINA, Emílio. **Merica! Merica!** Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina 1876-1902. Verona: CIERREbcouEdizioni, 1994.

GIBELLI, Antonio. “Fatemi un po sapere”... scrittura e fotografia nella corrispondenza degli emigranti”. In: **La via delle americhe**: l'emigrazione ligure tra evento e racconto. Genova: Sagep Editrice, 1989, p. 87-94.

MANFIO, Juliana Maria. “As comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto”. In: **RIHGRGS**. Porto Alegre, n. 152, julho de 2017, p. 115-118.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. “Padrões alimentares em mudança: a cozinha italiana no interior paulista”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, 2006, p. 47-62. (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100004). Acessado 02 de outubro de 2015.

ORTOLEVA, Peppino; TORINO, Cliomedia. La tradizione e l'abbondanza. Riflessioni sulla cucina degli italiani d'America. **Altreitalie** 7. Gennaio-giugno, 1992.

RAMELLA, Franco. “Reti sociali, famiglia e strategie migratorie”. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana: partenze**. Roma: Donzelli Editore, 2001.

_____. “Appunti su famiglia, mobilità, consumi”. In: LANARO, Paola (a cura di). **Microstoria**. A venticinque anni da l'eredità immateriale. Milano: Franco Angeli, 2011, p. 79-88.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. **Festa e identidade**. Caxias do Sul: EDUSC, 2002.

SANTOS, Marian Oliveira; ZANINI, Maria Catarina. “Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil)”. **Caderno Espaço Feminino**. V. 19, n. 01, Jan./Jul. 2008, p. 255-284. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/2111/1732>. Acessado em 05 de abril de 2018.

TETI, Vito. “Emigrazione, alimentazione, cultura popolari”. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. **Storia dell’emigrazione italiana: partenze**. Roma: Donzelli Editore, 2001.

VENDRAME, Maíra Ines. “**Lá éramos servos, aqui somos senhores**”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. **O poder na aldeia**: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil/Itália). São Leopoldo: Editora Oikos, 2016.

_____. “Com tinta do meu sangue’: redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano”. In: BENEDUZZI, Fernando; DADALTO, Maria Cristina.

Mobilidade humana e circularidade de ideia: dialógos entre América Latina e Europa. Venezia: Edizioni Ca’Foscari – Digital Publishig, 2017, p. 67-78. (E-book disponível, <http://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/chapter/978-88-6969-123-2/978-88-6969-123-2-ch-5.pdf>). Acessado 12 de junho de 2017.

_____. “Em busca da República de Deus”: revoltas camponesas e agentes de emigração no norte italiano (século XIX)”. **Revista Tempo**, Vol. 23, n.1, Jan./Abr. 2017b, p. 23-42. Disponível em, <http://www.scielo.br/pdf/tem/v23n1/1980-542X-tem-23-01-00022.pdf>. Acessado 19 de junho de 2017.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional: a construção da Identidade Étnica na Região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Edusfm, 2006.

Recebido em Abril de 2018
Aprovado em Junho de 2018